



oitava Bienal de Paris ver-se-á instalada nas salas do Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris — o que nada tem de extraordinário —, mas a novidade deste ano estará em que ela partilhará esse privilégio com o Museu Nacional de Arte Moderna.

A Bienal de Paris é a única manifestação internacional inteiramente reservada aos criadores de menos de 35 anos. A sua missão é de reunir jovens artistas cujas realizações apresentem, seja no espírito seja na letra, uma forma de expressão novadora.

Nisto, a Bienal de Paris permanece fiel a si própria. As reformas efectuadas dizem respeito ao abrandamento e à ampliação da rede de informação e de organização. De acordo com tal objectivo, a concepção desta grande exposição foi confiada a uma comissão internacional composta de doze especialistas. É, pois, a primeira vez que uma Bienal não comportará secções nacionais, nem selecções oficiais. Cinquenta e dois correspondentes estrangeiros, críticos de arte, conservadores de museus, etc., foram encarregados pela Comissão de reunir uma documentação exhaustiva sobre os jovens artistas de cada país.

Assim, 600 processos foram enviados a Paris, onde foram estudados pela comissão internacional e submetidos à decisão da maioria. Após uma rigorosíssima selecção, 96 artistas foram convidados, contra um número por vezes superior a

600 nos outros anos. Convém assinalar, igualmente, que, perante uma tal desproporção, 37 galerias e centros culturais estrangeiros organizam, em Paris, exposições de jovens (menos de 35 anos), ou de artistas tendo participado nas precedentes Bienais. Agrupados por bairros, as «vernissagens» dessas exposições sucedem-se durante quatro dias.

Para os correspondentes da imprensa estrangeira, este novo sistema apresenta em primeiro lugar o inconveniente de não serem mencionados quais são os artistas convidados do país que cada um deles representa; o segundo inconveniente está em ter de correr Paris inteiro, para encontrar todos os géneros expostos e, eventualmente, de poder ter um encontro com os artistas do seu país.

É muito compreensível que se tornou quase impossível reunir todos os expositores no Museu da Arte Moderna da cidade de Paris, mas tendo já optado pela adjunção do Museu Nacional da Arte Moderna, também deveria ter sido possível reservar as vastas salas do

C. N. A. C. onde a Comissão da Bienal tem a sua sede e o mal teria sido menor.

O que ainda não sabemos é se cada Galeria representará um país ou uma disciplina, sabendo-se que na Bienal podem figurar pintores, escultores, desenhadores, fotógrafos, gravadores, arquitectos e urbanistas, decoradores, encenadores, compositores de música e vários outros de que não fazemos menção.

Uma visita à sede da Bienal de Paris convenceu-nos — momentaneamente — de que tudo se apresentaria melhor nesta nova fórmula, e, tendo notado numa lista alguns nomes de consonância portuguesa, pedimos as fotografias das obras expostas a partir do 14 de Setembro.

Como será dado constatar, os géneros suportam a vizinhança sem se neutralizarem e o «Abattoir» de Lemos nada tem de comparável, no seu estilo figurativo, com o género nitidamente mais abstracto de António Dias, na sua «Illustration de l'Art».

«Ilustração
para
a
Arte»
de
António
Dias

1960 A ILLUSTRATION OF ART

